



Fotografia e Memória: a construção da visualidade de Guarapuava (1930)¹

Fernanda MOTTER²
Éverly PEGORARO³

Universidade Estadual do Centro Oeste – Unicentro, Guarapuava, PR

Resumo

O objetivo deste estudo foi fazer uma leitura de época por meio de fotografias cedidas por guarapuavanos da década de 1930. Além disso, um dos “guardiões da memória” de Guarapuava foi entrevistado, seguindo os preceitos da história oral. A fotografia, que integra os elementos que legitimam uma visualidade de época, foi utilizada no presente trabalho para analisar a construção de memória da cidade. A temática central da pesquisa concentra-se na construção da visualidade da cidade e como a fotografia pode ser instrumento para produção de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Memória; Guarapuava; Visualidade.

A fotografia se fixou tanto na construção da visualidade na sociedade ocidental, que quando se fala em memória e passado, é quase impossível não pensar e não se lembrar dela. O ato de fotografar possibilita a construção visual do passado e, nessa operação, a figura do guardião de memória ganha um papel imprescindível, segundo Mauad (2004). Esse personagem, além de organizar as fotografias nos álbuns, ou apenas guardá-las em caixas, é um detentor de várias histórias que auxiliarão a compor a narrativa fotográfica daquelas imagens.

O ato de fotografar ou ser fotografado tornou-se, aos olhos de Mauad (2004), vestígio de um real, ou seja, as pessoas buscam compreender o passado analisando fotografias. Este é o discurso do índice e da referência, em que o realismo fotográfico ultrapassa os processos de desconstrução discursivos, retomando, em outro nível, a questão do referente, ou ainda, da materialidade da imagem fotográfica. O ponto de partida é, segundo a autora, compreender a natureza técnica do ato fotográfico, a sua característica de marca luminosa, daí a ideia de indício, de resíduo da realidade sensível

¹ Trabalho apresentado no II 8 – Estudos Interdisciplinares, no XVI Congresso da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Estudante do 2º ano de Comunicação Social – Jornalismo e aluna de Iniciação Científica Voluntária na Unicentro. E-mail: fernandamotter1@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho e professora do Departamento de Comunicação da Unicentro. E-mail: everlyp@yahoo.com.br



impressa na imagem fotográfica. “Em virtude deste princípio, a fotografia é considerada como um testemunho: atesta a existência de uma realidade.” (MAUAD, 2004, p. 28)

O objetivo deste estudo foi fazer uma leitura de época por meio de fotografias cedidas por guarapuavanos da década de 1930. Para isso, analisou-se como os retratos das famílias de Guarapuava contribuíram para uma construção visual da própria cidade, legitimando representações e memórias de época. Afinal, a fotografia é mediadora de relações sociais e contribui para a conformação de valores e comportamentos, para a acomodação de visões de mundo. A pesquisa teve como recorte cronológico a década de 1930, um período no qual Guarapuava passava por estruturações em diversos campos e tornou-se ponto estratégico no caminho de tropeiros.

No início do século XX, a prática fotográfica era um *hobby* caro de uma classe ascendente, por isso, restrita às famílias com poder aquisitivo suficiente para sustentar a compra de equipamentos, filmes, revelações ou contratar os fotógrafos profissionais. Em Guarapuava, a situação não era diferente, na década de 1930, recorte temporal escolhido neste projeto. Essa era uma época ainda marcada pelas sequelas da Crise de 1929 e que vivia as consequências da Revolução de 1930, a qual contou com o apoio e a participação de representantes da classe dirigente do Paraná (OLIVEIRA, 2004). Tradicionalmente com características agropecuárias, o município de Guarapuava procurava ser reconhecido como polo econômico diante do Estado e do país. Portanto, as tradicionais famílias guarapuavanas procuravam legitimar-se socialmente (além de perpetuar-se), através do registro fotográfico.

Como caminho metodológico seguido nesta pesquisa, foram utilizadas entrevistas com um dos “guardiões da memória” de Guarapuava, seguindo os preceitos da história oral. Segundo Duarte (2008), a entrevista é a técnica que desfruta de maior profundidade em assuntos abordados. Ela não permite apenas testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou a quantidade de um acontecimento. Objetiva-se, principalmente, saber como as experiências são percebidas pelos entrevistados. Por isso, seu intuito está diretamente ligado ao fornecimento de elementos para a compreensão de uma situação ou problema.

Técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está à flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta, ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. (DUARTE, 2008, p.62).



A análise das fotografias apresentadas e narradas pelo guardião de memórias escolhido se deu por meio da proposta histórico-semiótica de Mauad (2004). As relações entre fotografia e memória embasam conceitualmente o estudo, buscando também compreender e conhecer a história, as tradições e os costumes de Guarapuava na década de 1930.

O Passado no Presente Fotográfico

Em Guarapuava, mais precisamente na década de 1930, as pessoas já costumavam armazenar fotografias de famílias, casamentos, celebrações religiosas, entre outras. Podemos dizer que um dos guardiões de memória de Guarapuava chama-se Josuel de Freitas⁴. Seu Tuto, como é conhecido na cidade, preserva e dissemina uma parte da memória cultural e histórica, herdada através do hábito dos pais dele de colecionar fotografias.

Freitas (2014) dispõe de um acervo fotográfico em sua casa, local este aberto a todas as pessoas que desejam conhecer as fotografias que fazem parte da sua história e da cidade. Além disso, comumente é chamado para conversas e palestras sobre experiências próprias e relatos de Guarapuava.

O gosto pela história familiar e da cidade, bem como importância que delega ao ato de preservar artefatos históricos, devem-se em muito à própria história de Seu Tuto. Ele é descendente de escravos. Seu avô paterno trabalhou em Guarapuava, nas grandes fazendas. Este é um dos motivos que levaram Tuto a armazenar e tecer memórias acionadas pelas fotografias de sua coleção.

Meus pais são guarapuavanos e eu também nasci aqui. E me orgulho muito disso. Meu avô paterno foi trazido até a região para trabalhar como escravo. [...] Por volta de 1930, Guarapuava era uma cidade de muitas fazendas, o que demandava muita mão de obra. A arte de colecionar fotografias eu herdei com o meu pai, pois desde que nasci ele já adquiria fotografias, então eu cresci em contato com elas e passei a fazer o mesmo trabalho. Além de um grande acervo deixado por meu pai, passei a procurar cada vez mais. Muitas vezes, emprestei imagens para fazer cópias para poder ter aquela fotografia no meu acervo. Outras, as pessoas que não tinham interesse de armazenar fotos, traziam

⁴ Entrevista concedida às autoras em 08 out. 14, em Guarapuava, Paraná.



até mim para que eu preservasse as mesmas, isso faz parte da identidade de todo o colecionador, (FREITAS, 2014).

Para Mauad (2004), a memória tem papel específico na coesão social da família que, ao definir o que é comum ao grupo e o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais. Geralmente tal coesão é realizada pela adesão do grupo a uma comunidade afetiva, criada através de um processo de conciliação entre memória individual e coletiva, alcançada através da preservação de determinadas lembranças narradas de geração em geração, de objetos preciosos ao grupo, como as fotografias familiares.

A base comum das memórias individuais é consubstanciada por uma compreensão comum dos símbolos e significados, transmitidos pelos objetos de memória e pelas noções de comunhão que os membros do grupo familiar compartilham ao se reconhecerem em tradições e valores socialmente aceitos como válidos. (MAUAD, 2004, p. 58)

De acordo com a autora, a memória possibilita a reconstrução de narrativas individuais a partir de um enquadramento coletivo, guardando os determinantes temporais e espaciais como elemento fundamental em tal processo. É isso que Seu Tuto faz com as narrativas construídas a partir da produção de sentidos que as imagens preservadas por ele propiciam.

Tenho um acervo particular, porém, está aberto a qualquer pessoa que tenha interesse em conhecer. Além das fotografias, muitos documentos e objetos antigos eu procuro preservar. Isso faz com que Guarapuava não seja esquecida, pelo contrário, o acesso às novas gerações que queiram conhecer um pouco da história de Guarapuava e a trajetória dos negros nesta região tenha acesso a mais informações. (FREITAS, 2014)⁵

O agenciamento efetuado pelos guardiões da memória é um aspecto fundamental que faz parte da trajetória das imagens. Segundo Mauad (2004), isso está relacionado ao processo social que envolve a trajetória das imagens como artefatos, tais como coisas que são guardadas, distribuídas, manuseadas, arquivadas e destruídas. A biografia das imagens e sua vida social importam, pois implicam relações sociais diferenciadas. Uma fotografia de determinado local possui uma trajetória cujas histórias revelam experiências sociais só esclarecidas pelo estudo das condições de seu agenciamento

⁵ Entrevista concedida a autora em 08 de Outubro de 2014.



pelos guardiões de memória, pelos colecionadores, pelas instituições e pelos diferentes sujeitos sociais que operam sobre essa imagem. Tal dimensão supera em grande escala, a compreensão da imagem fotográfica como texto e a concebe como materialização de uma prática social. Devido a estas ações que os guardiões de memória desenvolvem e ao significado que dão às imagens e ao próprio ato de fotografar, a fotografia é concebida como a materialização de uma prática social, que produz sentido, constrói significados, visualiza imaginários de época.

Dessa forma, álbuns e coleções de fotografias se tornam objetos que servem para acionar a memória através dos sentidos que integram suas superfícies, propiciando visualizações de poses e trajetos, crônicas familiares apreendidas no decorrer de muitas vidas e tradições, que são transmitidos por gerações. Para Mauad (2004), portanto, a fotografia desempenha uma função simbólica de legitimação, pois é preciso entender as entrelinhas, principalmente em fotografias que têm poses e são bem arranjadas, muito comuns no século XIX.

Leite (2001) aponta que a história da fotografia implica o ângulo de quem observa, analisa e tenta compor fotografias que já existem.

A fotografia permitiu que quase toda a gente – não só os mais abastados – pudesse se transformar num objeto-imagem, ou numa série sucessiva de imagens que mantém presentes momentos sucessivos da vida, ou ter presente a memória. No caso das fotos de família, a tentativa é aprender a ler o conteúdo manifesto e o conteúdo latente das fotografias e descobrir meios de transmitir essa aprendizagem. (LEITE, 2001, p.75).

A memória não é inerte, mas é o resultado do investimento das sociedades humanas, fazendo com que as pessoas não caiam no esquecimento. Portanto, as fotografias conformam os quadros de visualidade que, acionados pelo trabalho da memória, também servem para fazer lembrar. (MAUAD, 2004)

A fotografia, por sua vez, faz parte de um processo de legitimação e reafirmação da veracidade dos fatos. Além disso, contribui para formação de um imaginário e para reconstrução da memória da Guarapuava de 1930. Segundo Le Goff (apud Mauad, 2004), é partindo dessa premissa que a fotografia não é apenas um documento, mas também um monumento e, como toda fonte histórica, deve ser passível dos processos de críticas.

Fotografia: A Memória Construída Para Ser Mostrada

Para esta análise fotográfica, alguns critérios foram levados em consideração na seleção das imagens. Além do recorte cronológico na década de 1930, delimitou-se àquelas que tratassem da contextualização de Guarapuava naquela mesma década. A temática principal concentra-se na construção da visualidade da cidade. Para isso, procurou-se ressaltar aspectos da história, das tradições e dos costumes de Guarapuava, intencionalmente (ou não) fixados na superfície das fotografias selecionadas.

Fotografia 1 – Viagem para trocas comerciais



Fotografia que retrata a ida de guarapuavanos até Paranaguá para a realização de trocas comerciais. A imagem apresenta cidadãos de Guarapuava. A fotografia é do ano 1937 (sem indicação de dia e mês), mas não há identificação de quem fotografou. Fonte: arquivo pessoal de Josuel de Freitas S/d.

As viagens demoravam em média quatro meses entre ir e voltar para a cidade. Esta fotografia faz parte da coleção de Bento José Freitas, pai de Josuel de Freitas, que após a sua morte passou a preservar e colecionar mais fotografias que ilustram a construção de Guarapuava.

Seu Tuto narra que as trocas comerciais foram de fundamental importância para a cidade naquele período. Tais operações comerciais geralmente ocorriam com as cidades de maior porte do estado, como Curitiba, Paranaguá e Ponta Grossa.

Segundo Marcondes (1998), foi através da mão-de-obra escrava que se abriu a estrada de Missões, que ligou o Rio Grande do Sul à feira de Sorocaba, que passava por Guarapuava. A descoberta dos novos campos e a abertura dessas vias permitiu que

Guarapuava participasse ativamente da faze do tropeirismo sulino, tornando-se uma das mais prósperas regiões do Paraná. O tropeirismo foi uma das atividades econômicas de sustentação do comércio local e da própria identidade regional posterior.

Fotografia 2 – Desfile do exército em Guarapuava



Imagem da rua XV de Novembro, uma das principais da cidade, que corta o centro de Guarapuava. Fotografia do dia 07 de setembro de 1939, data em que se realizou o desfile do exército. Sem identificação de quem fotografou, esta é mais uma das fotografias adquiridas pelo pai de Freitas. A imagem destaca o público que compareceu à apresentação, enfatizando a presença constante e a importância que a população local delegava a esse contingente. Fonte: Arquivo pessoal de Josuel de Freitas.

Seu Tuto conta que o espaço urbano de Guarapuava neste período era limitado e que grande parte da população era fundamentalmente rural. A cidade, que alavancou seu crescimento graças ao gado concentrado em grandes fazendas, possibilitou renda para muitas famílias de Guarapuava e imigrantes de diversas regiões.

O tropeirismo foi de extrema importância para a cidade, alterando-lhe a forma física, as relações sociais, econômicas e culturais. Segundo Raquel Dalla Vecchia, houve um grande impulso para a geração interna de renda e a formação de riquezas, estimulando o cenário sócio-econômico e político local (2000, p.235). Comprovou-se por conta disso, que a economia foi revitalizada após muito tempo de estagnação em função da precariedade dos meios de transporte e comunicação com grandes centros de consumo e produção. Nesse processo, o fazendeiro, que passou a ser simultaneamente um tropeiro, representava a classe dominante, concentradora do poder econômico e político. (SILVA, 2008, p.26).

Fotografia 3- Cavalhadas em Guarapuava



Imagem da Praça 09 de Dezembro, localizada na rua XV de Novembro, no centro de Guarapuava. A fotografia apresenta, sem identificação de autor, as Cavalhadas no ano de 1938, realizadas no pátio da praça, que hoje dá lugar a Praça da Catedral N. Sr^a de Belém. Esta imagem também faz parte do acervo construído pelo pai de Freitas. Fonte: Arquivo pessoal de Josuel de Freitas.

Seu Tuto lembra que as competições entre Moros e Cristãos – equipes que se enfrentavam como *hobby*, atraíam enorme interesse, tanto por parte dos competidores, como também das pessoas que prestigiavam e torciam por qualquer um dos grupos.

Segundo Schipanski (2009), as cavalhadas constituíram-se como uma das atividades festivas muito utilizadas pelas autoridades coloniais e que se perpetuaram como tradição. Quando os portugueses “descobriram” as terras na América, trouxeram consigo tudo o que representava a sua cultura, tais como religião, moral, tradições, costumes, hábitos, profissões, animais, plantas, sementes, hierarquia militar e sua disciplina, exercícios físicos e atividades recreativas.

E é no aspecto abordado por Leite (2001) que a fotografia funciona como um dos instrumentos de memorização, preservação cultural e produção de sentidos. As cavalhadas retratadas na imagem acima valorizam aspectos da cultura local. A autora aponta em suas reflexões que as fotografias exigem um estudo comparativo de sistemas e significados das mediações entre a existência que se quer compreender com a imagem desta realidade.

A leitura da mensagem visual depende simultaneamente de uma compreensão global de uma análise de pormenores. Mesmo sem levar em conta todos os detalhes, é possível chegar ao sentido global, ainda que com alteração de articulações parciais de seus

elementos. Contudo, elementos isolados podem não ter significado. Em alguns casos, somente suas combinações poderão ser ligadas de diversas maneiras. O significado da imagem pode depender da identificação de processos diferenciados de interpretação, relativos aos níveis, que se atinja no conteúdo latente. A fruição e a reflexão são práticas simultâneas no processo de leitura da comunicação não-verbal e trazem para o processo não apenas o conteúdo explícito da imagem, mas a formação cultural e intelectual do leitor. (LEITE, 2001, p.158).

Fotografia 4 – Hotel Souza



Retrato do Hotel Souza, localizado no centro da cidade, em 1939. Um dos pontos de parada das pessoas que passavam por Guarapuava. Muitas delas foram tropeiros, já que a cidade foi um ponto de passagem, vindo do Rio Grande do Sul com destino a São Paulo. A imagem faz parte do arquivo de Freitas e foi adquirida pelo pai do mesmo, sem a identificação de quem fotografou e quem são as pessoas apresentadas. Fonte: Arquivo pessoal de Josuel de Freitas

Na imagem que retrata o Hotel Souza, pode-se observar homens fardados, crianças, mulheres, insinuando que há uma “grande família” composta pelos hóspedes (muito regulares) e proprietários com seus familiares. Mais uma vez, nesta imagem, assim como nas outras apresentadas, há retratados que são homens fardados (ou representantes da lei e da ordem). Leite (2001) salienta que uma leitura visual depende simultaneamente de uma compreensão global e de uma análise de pormenores.

Considerando as imagens em Guarapuava pelo viés conceitual apresentado por Mauad (2004), as fotografias e suas histórias integram quadros de memória em diferentes momentos do século XX. Portanto, cria-se uma visualidade de Guarapuava, em que a capacidade cognitiva das imagens fotográficas associa visão, informação e



imaginação. Nessa perspectiva, aliam-se memórias e narrativas pessoais e coletivas às fotografias.

Segundo Leite (2001), os retratos estão fundamentalmente ligados aos ritos de passagem, que por sua vez marcam uma mudança de situação ou troca de categoria social, pois são tirados em momentos especiais da vida das pessoas. Os rituais mais diversos passaram a introduzir a fotografia como um agente da memória e, com isso, ela passa a ser peça fundamental para compreender a sociedade.

Considerações Finais

Segundo relatos de seu Tuto, da análise fotográfica e da pesquisa bibliográfica, foram os tropeiros, oriundos do Rio Grande do Sul, que estrategicamente passaram por Guarapuava, que tornaram a cidade uma rota comercial, alavancando a economia da região, marcando costumes e auxiliando a delinear a identidade da cidade. As trocas comerciais que aconteciam com municípios de grande porte, os eventos culturais, como as cavalhadas, e a crescente atividade com o gado foram o que alavancaram o crescimento do comércio da cidade e propiciavam momentos de sociabilidade na década de 1930 em Guarapuava.

Em meados de 1930, um acentuado desenvolvimento na pecuária, além da extração da erva-mate, atraiu muitas pessoas, o que permitiu a inserção do comércio de gado junto à feira de Sorocaba (SP). Foi desta forma então, que se consolidou uma sociedade campeira local, com costumes e práticas culturais evidenciadas nas imagens, como as cavalhadas, por exemplo, além da repetição do mesmo estilo de vida patriarcal e latifundiário, que praticou a pecuária extensiva, apoiado no braço escravo e no trabalho familiar. (SILVA, 2008)

Junto com a necessidade de fotografar, a função do guardião de memória torna-se fundamental, sendo este um dos responsáveis pela preservação das fotografias e o detentor de várias histórias e costumes. Por isso, uma parte da história de Guarapuava é contada através do Seu Tuto, o guardião de memórias selecionado neste artigo.

De acordo com Leite (2001), o agente de memória é fundamental para a caracterização de imagens. Além disso, Mauad (2004) ressalta que a fotografia não é apenas uma exposição visual, já que a mesma altera a imaginação e a informação nela contida. A função simbólica de legitimação que a fotografia traz contribui para a atestação da veracidade de fatos e costumes. Mas, para que isso aconteça, a análise da



produção de sentidos, principalmente em fotografias com arranjos e poses, é fundamental.

Referências

- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação Social*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- FRAGA, Maurício. *Crônicas da alta sociedade: Discursos, representações e cotidiano nas colunas sociais do jornal Folha do Oeste*. Guarapuava, PR, 1959-1964. Assis, SP: 2011. Dissertação (Mestrado em História). UNESP.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MARCCONDES, Gracita Gruber. *Guarapuava: história de luta e trabalho*. Guarapuava: UNICENTRO, 1998. 202 p.
- MAUAD, Ana Maria, *Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Editora da UFF, 2008.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História oral*. São Paulo: editora Loyola, 1996.
- SILVA, Walderez Pohl Da. *Entre Lustosa e João Planalto. A arte política na cidade de Guarapuava (1930-1970)*- Niterói: Editora da UFF, 2008.
- SCHIPANSKI, Carlos Eduardo. *Cavalcadas de Guarapuava: história e morfologia de uma festa campeira (1899-1999)*. Niterói, RJ: 2009. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense.